

GT – 15

**ERIKA BARRETO MAGALHÃES - MESTRADO EM EDUCAÇÃO
BRASILEIRA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CARTOGRAFIA SURDA: OUVINDO O MUNDO COM OS OLHOS**

Perceber o mundo através dos olhos; traduzi-los através de codificação e decodificação de informações transmitidas por imagens, gestos, movimentos, luzes, formas, cores; narrar o mundo com uma língua visual; dizer ter a ver com ver: são elementos presentes na maneira como os surdos descrevem seu devir.

Ao levantar a discussão sobre *cultura surda* com os participantes da pesquisa, surgiu repetidamente em suas falas a referência a apreensão visual do mundo e às estratégias criadas pelos surdos para adaptar-se a situações nas quais, normalmente, o som seria o instrumento central de informação.

A ausência da audição não acarreta apenas modificações ligadas à linguagem e à relação que esta teria com o desenvolvimento psíco-cognitivo dos sujeitos surdos, mas também, reflete-se na relação homem-espaco físico, que por sua vez, impulsiona uma organização distinta do mundo empírico, ocasionando a construção de novos significados, de uma outra lógica semiótica.

Esta relação está nitidamente expressa na existência da língua de sinais e na importância que ela assume, por um lado, como elemento de identificação entre os membros da comunidade surda e, por outro, como ponto de diferenciação destes para com os ouvintes. João nos fala a respeito:

J – O que significa cultura? Por exemplo, nasce um surdo que é pobre, ele terá condições de se oralizar? Não dá! Porque não tem dinheiro pra isso. Ele não escuta, ele não compreende a língua oral. Se a família tentar se comunicar através do gestual terá mais resultado. Porque é através do visual que o surdo percebe o mundo. Ele vai compreender significados, copo, banana... ele vai perceber pela expressividade, pelo corpo. Agora vamos ao ouvinte, ele não precisa dar atenção ao visual, porque ele ouve, ele não precisa usar as mão

pra se comunicar. Então essa é a cultura do surdo, essa forma de apreender o mundo. Ela não é feia, é normal. É sua forma de ser.

Paulo também nos dá sua contribuição sobre este tema, desta vez, esclarecendo sobre as estratégias de substituição da audição pelo visual nas tarefas do dia-a-dia.

Em casa, numa família de ouvinte eles usam uma campanha sonora, se dois surdos casam e constituem família, na casa deles vai precisar ter uma campanha luminosa, tem que ser visual. Isso é próprio do surdo. É a cultura dele. Se o bebê chora tem a estratégia do fio que se coloca no berço pra que a mãe surda possa perceber a vibração, ou uma luz, pra quando a criança chorar e os pais tiverem, por exemplo, vendo tv poder perceber e ir até o bebê. Relógio despertador tem vibrador, o telefone já pode ser substituído porque tem o fax, o pib que é muito usado.. então são muitas coisas. O surdo também dança, também brinca, também gosta de musica, ele não ouve mas ele sente a vibração. Então ficar em casa, triste, ansioso, vendo TV não é bom, então fim de semana é bom sair, se distrair, mas os pais ficam. preocupados e não permitem os filhos de sair, porque acham que são incapazes.

Essa forma diferenciada de gerenciar as atividades quotidianas exige uma atitude criativa diante das necessidades surgidas na organização do espaço em que se vive. Uma forma de criatividade não muito familiar aos ouvintes que habitam num mundo já estruturado para suas precisões mais sutis.

Táticas semelhantes às descritas por Willer são adotadas por surdos em diferentes contextos. Bahan et all em seu livro "A journey into the deaf world" nos dá um exemplo de como as famílias surdas lidam com suas crianças:

Deaf parents are able to maximize these interactions. When their children are infants, they know how to get their attention by waving a hand in the baby's line of sight or by gently touching the child. They place the baby on their lap with the baby's back touching their chest and read, using signs that, when they touch the body, touch the baby's body rather than their own. This allows the baby to observe and internalize how signs are seen from the signer perspective. Deaf parents also read to their children the traditional way, with the child sitting besides them. The combination of methods permits a comparison of perspectives, both of which allow parents and children to view

the signs and the printed page simultaneously. ¹(Bahan et al.1999: 27)

Mas esse redimensionamento do ambiente físico pode também trazer algumas dificuldades e gerar situações constrangedoras. Nesse trecho do diário, tem-se idéia de mais algumas dessas estratégias e de possíveis conflitos que o fato de não escutar pode gerar:

[Estávamos em mais um dia de aula no curso de instrutores. Erika era a professora surda regente no momento. Eu estava como espectadora de sua aula]

“Erika falou sobre as estratégias usadas pelos pais surdos para cuidar de seus bebês. Todos ficaram atentos. Ela contou várias situações que havia vivido com seus filhos. Lembro quando ela disse: “surda sofre muito. É difícil. Tem que ter o bebê sempre por perto. Pra mãe ouvinte é fácil. Pode ir pra cozinha fazer o mingal e ouvir o bebê chorando no quarto”. Disse que as mães surdas tem em geral que manter seus bebês a vista, então enquanto fazem algum serviço doméstico põem o filho pra dormir no carrinho e assim poderem levá-lo pra qualquer parte da casa.

João contou experiências com sua filha. Quando uma vez adormeceu ao tomar conta do bebê e a criança chorou durante uma hora sem ele perceber. O bebê ficou vermelho de tanto chorar e ele levou o maior carão da mãe dele quando está chegou em casa. Todos na sala riram muito da estória.

Começou a se falar sobre situações difíceis por causa da surdez. João foi a frente e contou uma série de piadas sobre isso. Depois Erika contou outra histórias reais (contou de uma vez que sua filha ficara trancada no banheiro gritando, enquanto seu outro filho tentava avisá-la e por estar

¹ Pais surdos são capazes de maximizar essas interações. Quando seus filhos são ainda pequenos, eles sabem como chamar-lhes a atenção movimentando as mão no campo de visão da criança ou gentilmente tocando seu corpo. Eles põem seus bebês no colo com as costas deles viradas para seu peito e lêem sinalizando, quando, então têm que tocar em seu próprio corpo, tocam, ao invés, no corpo do bebê. Isso permite à criança observar e internalizar como os sinais são visto da perspectiva da pessoa que sinaliza. Pais surdos também lêem para suas crianças da maneira tradicional, com a criança sentada ao lado deles. A combinação de métodos permite a comparação de perspectiva, ambos permitem pais e filhos ver os sinais e as figuras do livro simultaneamente.

muito empolgada na conversa com outros surdos amigos não dera-lhe atenção e a pobre da criança ficou meia hora no banheiro chorando). A aula foi muito divertida. Achei jóia falarmos sobre como o surdo lida com a ausência do som.”

Os surdos geralmente falam dessas situações com muito humor. É comum nas rodas de piadas entre amigos surdos alguém contar anedotas que ironizam sua condição de não “escutantes”. O grupo de surdos com o qual convivo sempre conta piadas desse tipo e uma delas é repetida com muita freqüência. O leitor desculpe-me se a piada é um tanto escatológica, mas vale a pena tentar retratá-la pois ilustra de forma clara a temática que aqui discutimos.

“Em uma mata encontraram num canto atrás de uma árvore um monte de fezes muito interessante: formava no chão um círculo. Ficaram muito intrigados tentando imaginar que espécie de criatura faria suas necessidades fisiológicas de forma tão peculiar. *[o narrador da piada pergunta aos interlocutores se eles são capaz de adivinhar qual seria o autor da estranheza. Depois de um momento de suspense ele dá a solução]*. Descobriu-se então depois de muito investigação que aquela obra só poderia ter sido feito por um surdo. O ouvinte para fazer suas necessidades em um lugar pouco apropriado (como uma mata) usava a audição para perceber se alguém chegaria e o flagraria em atividade tão íntima. O surdo, por não ter a audição como auxílio para manter-se alerta, precisava da visão, tendo que fazer suas necessidades acorçado e rodando para poder olhar tudo a sua volta, o que fazia com que suas fezes ficassem na forma encontrada na mata.”

É certo que essas anedotas assumem um caráter extremamente cômico quando representadas em sinais, diferentemente de sua narração na língua oral (sobretudo na modalidade escrita) quando perdem em grande parte o humor e a hilaridade que aportam. Uma outra estória é sempre muito relatada por membros da comunidade surda de vários lugares (já a vi sinalizada por surdos de meu Estado e até de outros países).

“Um jovem casal surdo chega em casa à noite depois de uma visita à associação. O homem deita-se na cama na espera de sua esposa que se dirige

ao banheiro. Depois de alguns minutos ele vê voando da direção do banheiro a blusa que sua esposa vestia. Intrigado ele resolve esperar e ver as intenções de sua cônjuge. Após alguns minutos é a blusa que ela vestia que cai ao pé da cama. Ele empolga-se imaginando o jogo erótico que ela estaria tramando. Em seguida, ela joga-lhe do banheiro o sutiã. Ele, excitadíssimo, espera ansioso. Agora é a calcinha que cai próximo a seus pés. Ele vai à loucura, mal pode conter-se na espera do momento em que ela sairá pronta pra uma noite daquelas. Passam-se mais alguns minutos e nada acontece. Ele aguarda mais um pouco e decide ver o porquê da demora. Ao chegar à porta do banheiro encontra sua esposa sentada no vaso sanitário sinalizando zangada: “Puxa vida! Faz horas que tento chamar sua atenção! O papel higiênico acabou. Pega pra mim!!!”

A necessidade das informações visuais gera uma série de hábitos e atitudes entre os surdos as quais muitas vezes escapam a atenção do ouvinte ou, quando percebidas, são vistas de forma estereotipada, consideradas como manias, ou características próprias à deficiência em si. Chamar alguém a distância, ficar no escuro, saber quando alguém bate na porta, ou aproxima-se por trás, são situações que exigem todo um esquema de organização espacial que em geral os ouvintes estranham por ter estes mecanismos pautados sobre outra referência (a audição). A escritora surda Vera Stranadová relata em seu livro algumas peculiaridades da convivência entre surdos por conta da partilha da visão como instrumento de contato com o mundo.

Nós surdos ao contrário [dos ouvintes], temos que verificar com a visão, a todo instante, o que está acontecendo. Olhando ao redor com uma frequência maior e com mais atenção do que vocês, e tentamos abranger o maior espaço possível. Notei que quando estou numa sala, tenho a tendência de ficar com as costas viradas para a parede e, se possível, num canto em frente à porta. (Stranadová, 2000: 179)

As crianças surdas continuam acenando até a idade adulta. Não só para saudar, mas para “contactar” alguém. Não acenam apenas com a mão, ma usam o braço inteiro. Chamam, assim, a atenção de outros surdos à distância quando não podem se aproximar e precisam comunicar-se. A pessoa surda percebe o aceno somente se ele aparecer no seu campo visual, nem que seja só no cantinho do olho. É preciso acenar durante algum tempo, até que o gesto seja percebido. (Stranadová, 2000:188)

O escuro para o surdo pode significar algo extremamente perigoso e angustiante. Como ver os sinais ou os gestos de uma pessoa? Como ler os lábios de alguém, ou saber se algo perigoso está acontecendo? Mesmo em situações como estas, estratégias de domínio do ambiente são criadas:

(...) mas existem situações em que a escuridão é mais segura para nós que a claridade. Por exemplo, caminhando na rua onde não há calçada. Os faróis acesos dos automóveis dão o mesmo aviso que o barulho do motor para os ouvintes (Stranadová, 2000:186)

Por não compartilhar a mesma experiência visual dos surdos, quase sempre, sentimos um certo estranhamento no convívio com esse grupo. Algumas vezes é como se estivéssemos vivendo em um mundo alheio, em outra dimensão. Surge a necessidade de construir um novo campo de referência. Ocorre uma espécie de deslocamento das percepções com as quais estamos acostumados a guiar a nossa interação com o meio físico e simbólico. Vivi por diversas vezes essa sensação. Em alguns momentos esta experiência torna-se algo extremamente angustiante, em outros acaba virando simplesmente motivo de riso. Vejamos o que o diário descreve sobre minhas vivências nesse campo:

“Na maior parte das aulas eu ficava como espectadora, uma experiência muito legal. Um mergulho de quatro horas na língua de sinais. A sala em quase total silêncio (cortado apenas pelos ruídos e gritos que os surdos fazem quando se comunicam). É uma sensação estranha de estar num mundo que não pertença. Eu sou a estranha por não escutar. Num dos dias da semana, acho que na aula de Servulo... Sim, foi na aula dele. Ele tem um relógio que faz o maior barulho em determinada hora (deve estar programado pra soar o alarme e vai ver ele nem sabe). É uma barulho irritante. O relógio tocava e eu esperava que alguém fizesse alguma coisa pra parar o ruído. Só depois de alguns segundos me dei conta que eu ia morrer esperando, pois ninguém estava ouvindo... Então chamei atenção de Servulo para que parasse o relógio e disse-lhe em tom de brincadeira "pra que diabos um surdo compra um relógio com esse alarme tão alto!!!". Ele riu e disse, "ora, e como eu iria saber que tem alarme?!" Outro dia foi muito engraçado. Houve um barulho enorme lá fora e eu dei o maior pulo da cadeira. Corri lá fora pra ver o que tinha acontecido

enquanto todos permaneciam assistindo aula tranqüilamente. O interessante é a estranheza de não ver ninguém reagindo. Ainda que saiba que eles são surdos, a imagem que meus sentidos e minha lógica interna está acostumada é que todos corram como eu, ou ao menos reajam ao barulho. Mas o melhor de tudo mesmo nesse dia foi a risada que deram ao ver minha cara de assustada sem terem a menor idéia do que tinha acontecido. Sempre acontece de Ernando estar na sala e eu tentar chamar a atenção dele com toque ou acenos de mão. Essa semana, na sala, estava eu pedindo a um dos alunos que tocasse nas costas de Ernando porque queria falar-lhe... Rodrigo observando a cena sorriu e disse, "Por que você não chama ele com a voz... ele não é surdo, esqueceu?". Ri muito de minha leseira.

Uma coisa que me irrita muito é quando eles ficam chamando uns aos outros com gritos. Como alguns usam aparelho e têm resíduo auditivo eles se utilizam da voz pra fazer o outro virar em direção a quem está chamando. Só que dão gritos estridentes, super irritantes, que certamente nem devem perceber. De início aturava, pois até achava interessante a estratégia deles e queria respeitar, mas depois (de levar o maior grito no pé do ouvido), resolvi falar sério e pedir que não fizessem mais aquilo, afinal, eu era minoria ali, mas merecia respeito e se aquilo me incomodava não custava nada eles não fazerem (já que existe outro modo de fazê-lo).

Meu esforço para entender a língua de sinais também é muito interessante. Tem hora que preciso sair da sala porque não agüento mais ver tantos sinais. Uma vez me peguei falando uma asneira bem grande na sala... é uma sensação como se estivesse invisível, não importa o que diga, ninguém vai ligar. Então falei um palavrão bem alto só pra testar! É engraçado, a censura interna é tão grande que você tem a sensação de que alguém vai reagir e você vai ficar em má situação... Depois ri de mim mesma... que cena ridícula!"

Diversas vezes ouvi de outros ouvintes relatos de experiências semelhantes. Essa inadequação ao mundo visual por parte daqueles que escutam quase

sempre é percebida com certo humor pelos surdos. Um dos entrevistados retrata algumas situações em que ouvintes cometem essas gafes auditivas:

J – [pensa...] Uma vez, eu tava no Rio, eu estava deitado no quarto dormindo. Tinha eu, ao lado outro surdo, tinha uma cama de casal e um colchonete. Então a Eliane abriu a porta e começou a gritar: “João!!! João!!!” E chamou o outro surdo também aos gritos. Foi que Cristiane bateu no ombro dela e disse, “ele é surdo, esqueceu?”. Depois Cristiane me contou eu morri de ri. Porque ...

Duas piadas muito conhecidas na comunidade surda com a qual convivo ilustram as vantagens que a inabilidade do ouvinte para com o mundo gestual e visual pode trazer (esta primeira é uma de minhas preferidas, contada em sinais ela torna-se irresistivelmente risível):

“Dois surdos amigos se encontram depois de muito tempo. Ambos estão casados e felizes com suas esposas e filhos. O primeiro amigo, conta em tom de vantagem que seus dois filhos nasceram, igualmente a ele e a sua parceira, surdos. O segundo até então não tivera qualquer filho surdo. Depois de algum tempo os amigos se reencontram e o primeiro conta-lha a novidade: sua mulher acabara de Ter mais um filho surdo. O amigo fica intrigado, pois sua mulher, já no terceiro filho, não conseguia dar a luz a uma criança surda. Algum tempo se passa e novamente encontram-se os amigos. E novamente um deles se vangloria de já estar no quarto filho surdo. Seu camarada indaga-lhe “Conte-me como você consegue isso? Eu só tenho filhos ouvintes! Como você faz pra que seus filhos nasçam surdos? O amigo, então, decide compartilhar seu segredo: “É simples: na hora em que vai haver a fecundação, assim que acontece a ejaculação e os espermatozóides estão na corrida até o óvulo, eu me aproximo da pélvis de minha mulher e dou um grito. Enquanto os espermatozóides ouvintes instintivamente se viram em direção ao som, os espermatozóides surdos prosseguem seu caminho indiferentes, o que lhes da vantagem na chegada até a fecundação!”

Esta outra ironiza a inabilidade do ouvinte com o uso da língua de sinais:

“Entre os soldados de uma guerra, havia um surdo que adquirira fama por ser um excelente atirador de granadas, atirava no momento certo atingindo

precisamente o alvo. Um soldado ouvinte, interessado em desenvolver também tal habilidade, resolve perguntar ao surdo sobre a técnica que este utilizava, pedindo que ensinasse-o a atirar as granadas em tempo exato. O surdo revela que o segredo é puxar o pino da granada e contar com as mãos até 10. O ouvinte, empolgado, mal deixa o surdo concluir sua explicação e corre ao campo de batalha para aplicar a técnica. Na primeira tentativa, o soldado tem os órgãos genitais feridos pela granada que explode. O surdo preocupado pergunta-lhe o que havia dado errado, pois para ele aquele método era infalível. Ao que o ouvinte responde: 'fiz tudo como me mandaste. Conteí com cada dedo 1,2,3,4,5.... Como não tinha mais como segurar a granada para continuar contando 6,7,8,9 coloquei-a entre as pernas para deixar a outra mão livre e aí: bum! Ela explodiu!!'. O surdo riu de seu amigo ouvinte que por sua precipitação não vira-lhe dizer que em língua de sinais só é preciso usar uma única mão para contar até dez."

Apesar do aspecto cômico que aportam as estórias sobre a inaptidão dos ouvintes às habilidades visuais, o desconhecimento dessa peculiaridades do indivíduo surdo pode gerar muitos problemas. Algumas de suas atitudes podem ser mal interpretadas, vistas como falta de educação ou grosseria, refletindo-se na forma de estereótipos, ou mesmo, de modo mais concreto, nas iniciativas ligadas às políticas públicas voltadas a esse grupo, como por exemplo, nas legislações que obriga o uso de aparelhos auditivos para dirigir². Contudo o que parece mais incômodo são as más idéias que os ouvintes tecem a respeito do surdo (talvez o incômodo dê-se pela difícil dissolução dessas idéias). Afinal, elas expressam uma imagem com a qual eles não identificam-se, uma imagem-algema que os aprisiona à lógica dos normais, definindo-os como selvagens, insanos, incapazes.

Mesmo atitudes simples, como o ato de abanar a mão para chamar atenção de outro surdo, pode expô-los ao julgamento estereotipado do ouvinte:

Parece complicado, mas é, basicamente, muito simples e funciona. Mas só entre surdos. algumas vezes tentei a mesma

² A grande maioria dos surdos prefere guiar-se apenas pela visão quando dirigem, contudo o código brasileiro de trânsito considera como falta gravíssima guiar veículo sem aparelhos auditivos. No Estado do Ceará a associação de surdo reivindicou o direito de dirigir sem o aparelho, segundo eles a visão supre perfeitamente as necessidades na direção.

coisa com ouvintes. Eu acenava e pedia com gestos para que chamassem a atenção do surdos que se encontrava perto deles. Não funcionou. Fizeram apenas uma mímica sem nexos. Talvez me consideraram mentalmente deficiente, mas eu pensava, naquele momento, a mesma coisa sobre eles (Stranadová, 2000:189)

João revela sua indignação com essa atitude em relação a sua comunidade:

(...)Eu estava na casa de minha namorada e a irmã dela estava lá no quarto e eu queria chamar Andréa e a irmã dela estava de roupa íntima. Eu tentei chamar com a voz mas a TV estava alta e não deu certo. Eu fiquei sem saber o que fazer. Então eu precisei ir até a porta do quarto olhar rápido, e balançar a mão na porta pra chamar a atenção. Mas a família dela está acostumada, já conhece o surdo porque eles tem quatro pessoas surdas na família então eles sabem que não é culpa do surdo. Outras pessoas pensam que coisas como essa estamos fazendo de propósito pra dar uma de esperto, pra brechar, tirar proveito e não é isso. Precisa entender essas diferenças e respeitar, parar de zombar, ou levar a mal essas coisas. Porque isso é próprio da cultura dos surdos. Isso não é feio. Não fazemos isso pra ser safado ou coisa assim e o ouvinte as vezes pensa isso. Mas não é!

Ora, mas sejamos compreensivos, esse reação dos ouvintes se dá pela simples falta de convivência com os surdos. Tudo é uma questão de estar junto, observar e acostumar-se. Poderíamos argumentar. Como, então, explicar o fato de na grande maioria das escolas para surdos não haver sistema de luzes, a maior parte dos professores não saber (e não aceitar) língua de sinais, não haver surdos presentes no *staff* da escola, não existir uma metodologia que priorize o uso da visão na aquisição de conteúdos? E o que dizer das famílias? Abrigam em seu seio filhos surdos desde o nascimento e seguem intrigadas com as “manias” que têm de fazer gestos para representar as pessoas (os chamados sinais pessoais), de fazer tantas caretas ou barulhos com a boca. Parece-me que os estereótipos e os embaraços com o modelo visual de interação não constituem apenas um problema de pouca convivência. Estão muito mais ligados às referências que perpassam o olhar lançado àqueles com quem convive-se.

Enxergar o surdo como alguém deficiente, apenas como uma variação defeituosa da espécie humana torna compreensível a interpretação de sua subjetividade como falhas de personalidade ou desvios de comportamento, continua-se, assim, tomando o surdo como indivíduo “*serializado, registrado, modelado (...) resultado de uma produção de massa*” (Guattari,1996:31). Se não os percebemos como sujeitos em processo de singularização, ou, nas palavras de Guattari, como grupo em via de produção de um “*agenciamento de processos de expressão*”, sentiremos sempre esta estranheza em relação a seu modo de ser. Ao vê-los como recortes deficitários da nossa normalidade, desprezamos seu potencial criador, transformador, revolucionário. Continuaremos somando tijolos ao muro da subjetividade capitalística contra o qual chocam-se *todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico*. (Guattari,1996:50)

É certo que o mundo tem sons, o mundo tem campainhas, o mundo bate palmas depois de espetáculos. Porque então balançar as mãos ao fim da apresentação de um artista³? “Pura frescura!” , disse-me certa vez uma professora com mais de 20 anos de experiência com surdos. O mundo continuará permeado por significados sonoros, mas ele abriga também outras formas de representação do real. Persiste, porém, a atitude de fechar os olhos (quase literalmente, no caso dos surdos) a essas formas de agenciamento. Talvez falte-nos ir até onde estão e aprender com eles na margem. Ou seguiremos vendo o mundo com os ouvidos.

O que nos falta é ousar sair dos territórios estabelecidos, cruzar, vagar por outros mundos, estabelecer novos territórios. Quem sabe agir como Keating, o personagem de “sociedade dos poetas mortos” ao subir sobre uma mesa em sua sala de aula aludindo à idéia de que o mundo pode ser visto por outros ângulos. Talvez precisemos subir nas mesas, nos muros, virar cambalhotas ou plantar bananeiras... ou simplesmente convier com os surdos e escutar o mundo com os olhos.

³ Para demonstrar satisfação com a apresentação de um surdo em palestra, apresentações artísticas, conferências etc a platéia deve balançar as mãos (espalmadas com os braços levantados). Esse movimento dá ao surdo “aplaudido” a dimensão da aprovação de sua exibição, assim como a intensidade do som das palmas expressa o contentamento ou descontentamento dos espectadores para o expositor ouvinte.

Mais uma vez João vem nos sinalizar:

João – Não era Literatura, era Português. Tinha a prova e a professora explicou toda a prova, eu não tinha estudado, e aí ela entregou a prova. E a professora insistente, disse olha tem que fazer isso agora. Era uma prova feita para ouvintes. Era um texto que falava do presidente FHC, falava sobre a voz, o sentimento, como se expressava. Isso não dá pra surdos fazer. A prova era sobre como era a maneira de se falar antigamente, os estilos de linguagem e todos esses nuances de linguagem que o ouvinte pode saber porque conhece por ouvir, mas que não dá para os surdos perceberem. Não dava pra o surdo fazer, como o FHC falava, qual o timbre de voz. Eu escuto?, eu posso fazer isso? O ouvinte daria pra fazer, mas o surdo?!!! Então o eu entreguei a prova em branco. Alguns surdos tentaram fazer e quiseram fazer. Eu não fiz, não pesquei, tirei zero. Eu fiz isso pra mostrar pro professor que aquilo não tinha procedimento, não fazia sentido. Literatura também. Falando das fadas com toda poesia, falando das voz das estórias das fadas... e eu não entendia nada daquilo. Eu perguntei ao Josenilson [intérprete]⁴ do que ela tá falando? Parecia que era de uma fada de voz harmoniosa, suave... pra o ouvinte aquilo faz sentido, pra mim não! Se invertesse a coisa, se falasse em língua de sinais, mostrando através dos gestos e movimentos poéticos, falando do amor, de sonhos através dos sinais... Mas a pessoa lá, bla bla bla, mexendo a boca e escrevendo??? Pra o ouvinte aquilo é fácil, o som faz sentido, a modulação da voz, essas coisa... mas pra mim!?! Eu sonho com um professor de literatura surdo que pudesse mostrar através da expressividade do corpo, do rosto o significado daquele conteúdo, falando de temas como beleza, amor, paquera... aí sim toca, faz sentido para o surdo, porque isso é próprio do surdo. Aí sim seria possível estudar literatura e aprender de verdade. Mas o professor lá, falando? Não dá! É como ler a partitura de uma música, pro ouvinte é complicado. Então, é muito importante tratar desses temas em sinais, falar sobre amor, sobre maldade, bondade, mostrando o significado dessas coisa através da expressão facial, dos movimentos, dos gestos, das mãos, do corpo

⁴ A escola de segundo grau na qual estuda João possui intérprete de língua de sinais nas salas de aula. Os alunos surdos estudam junto com os ouvintes e têm a mediação entre professor, colegas e conteúdo programático feita através desse profissional.

todo. Aí sim a gente aprenderia. Mas a gente não podia fazer nada, não adiantava reclamar porque estávamos junto com os ouvintes e aquilo já fazia parte, aquelas aulas eram para os ouvintes e não para os surdos.

João vem chamar atenção ao modo como a negação aos processos de subjetivação dos surdos reflete-se na educação destes. A escola para surdos (escola especial) continua sendo a escola do ouvinte, do ouvinte deficiente, do ouvinte que não escuta. A escola para ouvintes também ignora a construção de uma outra forma de ser surdo. Aceita a língua de sinais como ponte, como veículo e despreza a outra lógica que ela representa. Descarta os processos semióticos que ela desencadeia e que não estão pautados nos modelos estabelecidos.

Diferentes formas de expressão coabitam a sociedade, ainda que persistamos em negá-las, que as ignoremos em nosso dia a dia, em casa, nas ruas, nas escolas... “Ora eles que dêem seu jeito, eles conseguem, sempre conseguiram. Afinal não sobreviveram até hoje, sem alertas luminosos, sem legendas na TV?” A atitude persiste: negam-se as singularizações, ou aceita-se a existência delas como concessão: “se querem a língua de sinais, dê-lhes o que pedem”. Coloquemos intérpretes, luzes, legendas, adaptaremos o mundo, mas não nossas mentes! E continuaremos sem enxergar que não são simples adaptações que os surdos reivindicam, estas são apenas a materialização de um complexo, e porque não dizer belo, processo de singularização de um grupo em busca de sua autonomia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica – Cartografias do Desejo*. 4ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. *Deaf in America – Voices from a culture*. 11ª ed. London: Harvard University Press, 1999:

STRANADOVÁ, V. *Como é ser surdo*. 1ª ed. Petrópolis (RJ): Babel, 2000.